



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA

A relação entre a aquisição de linguagem e a deficiência visual: seria a visão um fator determinante na aquisição?

Simone Zucconelli

Orientadora: Luiza MillanoSurreaux

Porto Alegre, 2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA

A RELAÇÃO ENTRE A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM E A DEFICIÊNCIA VISUAL:
SERIA A VISÃO UM FATOR DETERMINANTE NA AQUISIÇÃO?

SIMONE ZUCCONELLI

Orientadora: Dr^a Luiza MillanoSurreaux

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
Como exigência parcial do Curso de
Fonoaudiologia da UFRGS

Porto Alegre, 2012

Dedicatória

Aos fonoaudiólogos.

Para que cada um consiga refletir um pouco
sobre esse tema ainda pouco desbravado.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo incentivo e carinho. Por terem sempre me incentivado a sonhar e acreditar nos meus sonhos.

À minha orientadora, Luiza MillanoSurreaux, por ter aceitado o desafio de escrever sobre o tema, pela paciência diante dos meus questionamentos e pela dedicação que colocou neste trabalho.

Resumo

O presente trabalho apresenta uma revisão de literatura a cerca do tema aquisição de linguagem em crianças cegas. A partir da perspectiva teórica de Cláudia De Lemos, a qual embasa os questionamentos sobre o tema, buscam-se algumas respostas relacionadas com as peculiaridades que essas crianças apresentam no processo de aquisição de linguagem. Procura-se entender como as crianças cegas desenvolvem estratégias de apoio para a falta de contato visual e quais estratégias são essas. Sendo assim, neste trabalho, é apresentada uma reflexão sobre um tema ainda pouco desbravado pela fonoaudiologia, mas que requer um olhar mais aprofundado desses profissionais, visto que a visão ou falta dela implica em algumas particularidades no processo de aquisição da linguagem. Consegue-se destacar que há elementos verbais e não verbais apresentam singularidades no processo de aquisição de linguagem nas crianças cegas tais como, prosódia, tato, interação com o outro e certas particularidades dos processos dialógicos (estudados por Cláudia de Lemos). Constata-se que a falta de visão não se torna um impedimento no processo de aquisição de linguagem, porém apresenta algumas particularidades quando se trata de crianças cegas.

Palavras-chave: aquisição de linguagem – cegos – dialogia

ABSTRACT

This study presents a literature review over language acquisition in blind children. From the review of the main theoretical axes that fundament the language acquisition, the interactionist theoretical perspective brought by Claudia de Lemos was the one chosen for this paper, searching for answers related to the peculiarities that those children present during the process of language acquisition. It is intended to understand how blind children develop support strategies for the lack of visual contact and what strategies are there. Therefore, this paper presents the thoughts over a theme that has still not been over investigated by speech therapy, but that still requires a deeper look over, since vision (or the lack of it) implies some peculiarities in the process of language acquisition. Besides, there are verbal and non-verbal elements that present singularities in the process of language acquisition in blind children, such as prosody, tact, interaction with others and other particularities in the dialogic processes (studied by Claudia de Lemos). It has been found that the lack of vision is not impeditive to the language acquisition process, but it presents some particularities when referring to blind children.

Keywords: language acquisition – blind people – dialogism

Sumário

1) Introdução	08
2) Teorias de Aquisição de Linguagem	09
2.1) Behaviorismo	09
2.2) Inatismo	10
2.3) Cognitivismo	11
2.4) Interacionismo Social	12
2.5) Enunciação	13
2.6) Interacionismo	14
3) Deficiência Visual	16
3.1.1) Oftalmologia	16
3.1.2) Organização Mundial de Saúde	16
3.2) Educação	17
3.3) Cegueira x Deficiência Visual	17
3.4) Falta de Visão e Aquisição de Linguagem	18
4) Peculiaridades da Aquisição de Linguagem em Deficientes Visuais	20
4.1) Prosódia	20
4.2) Tato	21
4.3) Interação Mãe-bebê	21
4.4) O outro na aquisição de linguagem em Crianças Cegas	23
4.5) Processos Dialógicos na Interação mãe – bebê	24
5) Considerações Finais	27
6) Referências Bibliográficas	28

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo desbravar aspectos de uma área ainda pouco estudada dentro da Fonoaudiologia: as particularidades do processo de aquisição de linguagem em crianças cegas. O desenrolar do trabalho enfatiza as peculiaridades que essas crianças apresentam diante do processo de aquisição de linguagem, ou seja, como elas dão conta de adquirir linguagem sem contar com o apoio visual.

A aquisição de linguagem vem sendo bastante estudada por diferentes campos e através de distintas abordagens teóricas. Sendo assim, neste trabalho busca-se elencar as principais teorias de aquisição de linguagem e entender como elas podem (ou não) explicar esta aquisição diante da falta de apoio visual. Dentre as diferentes perspectivas teóricas destaca-se a abordagem interacionista de Cláudia de Lemos, a qual estudou a fala da criança em dependência da fala do adulto, fato que interessa muito ao presente estudo visto que uma particularidade da deficiência visual é a falta de contato visual durante a interação.

Com embasamento na teoria de De Lemos busca-se entender a singularidade do processo de aquisição de linguagem do sujeito cego (FONTE, 2006). Nesse sentido este trabalho tem como objetivo estudar como se dá a interação da díade mãe-bebê e, conseqüentemente, como se dá a fala dessa criança, uma vez que a mesma está em dependência do enunciado da mãe. Além disso, busca-se entender se há estratégias diferenciadas e como elas ocorrem no diálogo e nas interações da e com a criança.

Dessa forma, serão apresentados os termos *deficiência visual* e *cegueira* sob diferentes perspectivas, possibilitando caracterizar qual o contexto do estudo e ainda qual a abrangência dos termos. Além disso, após entender o significado dos termos, busca-se compreender as peculiaridades do processo de aquisição de linguagem de crianças cegas.

É importante destacar que o Fonoaudiólogo precisa ter um olhar mais aprofundado sobre o tema, visto que a visão, ou a falta dela, implica algumas particularidades no processo de aquisição de linguagem.

2 TEORIAS DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

Para que se possa refletir sobre a questão central deste trabalho, buscou-se ancorar o presente estudo a partir da revisão das perspectivas teóricas da aquisição de linguagem para, então, demonstrar a pertinência ou não de cada uma delas, a fim de respaldar as reflexões a cerca da aquisição de linguagem em indivíduos cegos.

Assim a seguir trata-se, brevemente, das principais teorias e destacam-se suas concepções de *linguagem*, *aquisição* e *sujeito*. Explica-se, também, o porquê da escolha de determinada teoria para embasar o trabalho.

2.1 BEHAVIORISMO

Essa teoria tem como fundamento o fato de que a linguagem é um comportamento aprendido, ou seja, a aquisição se dá por condicionamento. Sendo assim, o sujeito adquire linguagem através de estímulos, respostas e reforço positivo e negativo.

Para Skinner, principal representante da perspectiva behaviorista, o sujeito é uma tábula rasa, ou seja, tudo que aprenderá é externo ao sujeito. No caso da aquisição de linguagem, para que a criança tenha novos conhecimentos são necessários novos estímulos.

Sendo assim, a aquisição de linguagem se dá de acordo com as experiências mediante a língua a que está exposta. Com a imitação de sons, da prática com reforços positivos e/ou negativos e a formação de hábitos, a criança constituirá sua língua.

Então, toda a vez que a criança é exposta a um determinado objeto ela ouve uma palavra que é referente ao mesmo, com isso a criança supõe que aquela palavra se associa ao objeto em questão. O processo de aquisição ocorre como consequência das associações entre estímulos e respostas.

O fundamento da teoria é que o conhecimento está no meio, tudo é aprendido através da repetição, o sujeito não tem nada de inato.

O presente trabalho não se baseou nessa teoria por não acreditar que o sujeito deva ser adestrado a uma língua, ou seja, segundo esta perspectiva a criança depende somente de reforços (positivos ou negativos) do meio para adquirir linguagem. Conforme a famosa crítica de Chomsky a Skinner, a teoria não explicaria como é possível entender sentenças nunca ouvidas anteriormente.

2.2 INATISMO

Segundo essa teoria, que tem em Chomsky seu precursor, o conhecimento é algo inato, ou seja, o sujeito é dotado geneticamente para a aquisição de linguagem. A aquisição é fruto de uma competência inata exposta a experiências de uma dada língua.

Assim, toda criança considerada normal está predestinada a realizar determinadas atividades, tais como adquirir estruturas gramaticais muito difíceis tão rapidamente que não o faria se tivesse que imitar todas as palavras que fosse capaz.

Com o seguinte questionamento, Chomsky explica o uso do termo geneticamente determinado: “como que uma criança consegue, em tão pouco tempo, se tornar um falante de uma determinada língua se não for por já nascer capaz de desenvolver a linguagem?”.

Segundo o autor há uma Gramática Universal, a qual abrange todas as regras da língua que se está adquirindo. A mesma é constituída por princípios e parâmetros, sendo que o primeiro caracteriza as leis invariáveis e o segundo as leis variáveis entre as línguas.

Para falar sobre a aquisição de linguagem em crianças cegas não se optou por esta teoria, pois se acredita que, embora a determinação genética seja muito importante para o desenvolvimento do sujeito, ela sozinha não dá conta da singularidade do processo de cada criança, ou seja, as crianças são expostas a situações diferentes e por isso não adquirem linguagem única e exclusivamente pela determinação de um dispositivo inato.

2.3 COGNITIVISMO

Na perspectiva cognitivista a linguagem depende do desenvolvimento do pensamento, sendo assim, o sujeito constrói o seu conhecimento. A aquisição de linguagem é consequência da relação entre o indivíduo e o ambiente.

Piaget, por sua vez, evidencia a construção do conhecimento em que as conquistas de um estágio prescindem das do outro para se estabilizarem. Para isso é preciso a organização (aspecto interno) e a adaptação (aspecto externo). Para adquirir linguagem são necessárias ações interiorizadas, ou seja, um sistema de operações realizado interior e simbolicamente. Para o autor, é preciso que a criança conheça o conceito para trazer a palavra. A perspectiva piagetiana destaca ainda que a imitação desempenha papel importante na aquisição de linguagem, uma vez que esta seja controlada internamente pela automatização e interiorização das ações.

Piaget afirma que a mente das crianças não é a mente de um adulto em miniatura, mas que há diferenças qualitativas entre elas. As crenças das crianças fazem sentido dentro do saber da criança. O autor sugere que existem quatro estruturas cognitivas primárias, estágios de desenvolvimento: sensório-motor, pré-operacional, operações concretas e operações formais. As estruturas cognitivas mudam através dos processos de assimilação; acomodação e adaptação. A primeira é a mudança de estruturas cognitivas para que o ambiente faça sentido, já a segunda refere-se à mudança de estruturas cognitivas para que o ambiente faça sentido.

Para o autor é através do desenvolvimento da inteligência na criança que ocorre a aquisição de linguagem. Por volta dos 18 meses, quando acaba o período sensório-motor, ocorre o desenvolvimento da função simbólica, ou seja, um significante pode representar um objeto significado.

Ainda, para o mesmo autor, a criança adquire linguagem quando desenvolve a função simbólica, ou seja, a função representacional sustentada a partir da noção de permanência do objeto. Esse pré-requisito é condição para que a criança utilize a palavra – o símbolo – no lugar do objeto.

Esta teoria não foi eleita para sustentar este trabalho, pois para a mesma a aquisição de linguagem seria mera consequência de um processo cognitivo. Sendo assim, o lugar da linguagem nesse processo não seria central.

2.4 INTERACIONISMO SOCIAL

Segundo Vygotsky, a linguagem tem papel fundamental na mediação das relações sociais, ou seja, é através dela que se fazem as trocas com o outro e/ou o meio. É a linguagem que permite ao indivíduo estabelecer relação com o outro.

Portanto, nesta perspectiva, a linguagem tem origem no outro social, a aquisição se dá de fora para dentro – o sujeito está na dependência da relação com o outro.

Vygotsky observa que inicialmente o pensamento na criança pequena evolui sem a linguagem, assim como os primeiros balbucios são uma forma de comunicação sem pensamento. Destaca que a criança atrai o adulto por meio de sons variados, e este atribui significação aos sons. Já por volta dos dois anos constitui-se um novo tipo de pensamento e de linguagem, onde se tem o pensamento verbal e a fala racional (o que antes corria paralelo, agora se torna interdependente). Para Vygotsky, a fala se desenvolve da mesma maneira que outras operações mentais, evoluindo geralmente em estágios.

Vygotsky refere que a criança precisa reconhecer o “outro”, e principalmente o “eu”, para que se possa pensar na mediação, aspecto fundamental na relação eu-outro no processo de significação dos signos.

A teoria apresenta o outro/interlocutor diluído no social, estando o falante sempre referido ao outro social. Além disso, o autor separa o pensamento da linguagem na criança, sugerindo que, inicialmente, um flui sem o outro. Por isso, essa teoria não conseguiria respaldar a abordagem elaborada neste trabalho.

2.5 ENUNCIACÃO

Na perspectiva enunciativa, ancorada nas ideias de Benveniste, encontra-se também uma abordagem da aquisição da linguagem que destaca o papel do outro.

Segundo Benveniste, a linguagem está na natureza do homem. Ancorada nas teses benvenistianas, Silva (2009) mostra que a aquisição de linguagem pela criança se dá pelo uso da linguagem e pela relação que estabelece com o outro. O sujeito se instaura a partir da condição enunciada propiciada por este outro.

Ainda, segundo Silva (2009), a criança é constituída em uma relação com o outro para poder ocupar na enunciação o lugar de *eu*, e a outra pessoa (adulto) ocupar reciprocamente o lugar de *tu*. A autora refere que quando o outro interpreta a fala gera novas significações, o que é importante para a constituição da criança na linguagem.

A reciprocidade existente entre *eu* e *tu* constitui-se pelo caráter de pessoa, já que *eu* me torno *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*. Nesse sentido, “enunciação só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, “eu” propõe outra pessoa, aquela que, embora sendo exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*” (BENVENISTE, 1966/1995, p. 286). Trata-se aqui da intersubjetividade linguístico-enunciativa.

Para Silva (2009), o processo de aquisição de linguagem indica a singularidade de um percurso no qual a criança, inicialmente na dependência do dizer do outro, busca um preenchimento de lugar na estrutura enunciativa. Portanto, o preenchimento de um lugar enunciativo para a criança se dá a partir do *tu*.

Embora a teoria tenha preceitos bastante relevantes para o desenvolvimento do trabalho, a mesma exige formação, com profundo mergulho teórico, na perspectiva benvenistiana.

2.6 INTERACIONISMO

Na perspectiva interacionista, a linguagem é estrutura e atividade do sujeito, a aquisição é a apropriação que a criança faz na relação com o outro e, sendo assim, o sujeito é efeito da linguagem.

Encontra-se, portanto, na perspectiva interacionista, proposta por De Lemos (1986), o apontamento de que a criança é capturada pelo funcionamento da linguagem, uma vez que o discurso a significa como falante. Os turnos discursivos estão diretamente ligados aos processos que constituem o diálogo, enquanto matriz de significação.

De Lemos refere que as primeiras produções da criança se dão por um processo recíproco de espelhamento, ou seja, pela especularidade. Já na complementaridade a criança ocupa um lugar semântico, sintático e pragmático instaurado pela fala do outro. Por fim, o processo de reciprocidade ocorre quando a criança consegue ocupar o lugar de fala antes assumido apenas pelo adulto.

Segundo a autora, ao emitir um enunciado a criança estaria mostrando sua relação com a linguagem que o outro já é portador, ou seja, há uma relação de dependência da criança diante da fala do adulto.

O trabalho de Cláudia de Lemos apresenta dois momentos distintos em sua teoria: o primeiro com ênfase nos processos dialógicos e o segundo com ênfase na posição da criança na estrutura.

Na primeira fase da teoria de Cláudia de Lemos os estudos focam-se na dependência da criança à fala do adulto. A autora considera o diálogo como uma inserção da criança na linguagem; diante disso, a mesma estudou os processos dialógicos, que são: especularidade, complementaridade e reciprocidade.

Sendo assim, o diálogo é constituído inicialmente pelo processo de especularidade, que ocorre quando a criança se espelha na fala do outro. Já a complementaridade se dá quando a criança ocupa seu lugar no discurso iniciado pelo outro, ou seja, pode ser exemplificado na relação de pergunta da mãe e resposta da criança (DE LEMOS, 2002 apud FONTE, 2006). Além disso, ocorre o

processo de reciprocidade, o qual se caracteriza pela criança conseguir assumir seu papel no diálogo e colocar o adulto como interlocutor no discurso.

A segunda fase da teoria de Cláudia de Lemos baseia-se nos preceitos da psicanálise, para designar a significação de sujeito. Segundo De Lemos (2002 apud FONTE, 2006, p. 25) a aquisição de linguagem se dá pela mudança de posição da criança no discurso/língua. Nesta fase, trata-se do lugar que a criança ocupa na língua.

Além disso, a autora afirma que a partir das substituições e das combinações, metáforas e metonímias, percebe-se a mudança de posição da criança na língua (DE LEMOS, 2002 apud FONTE, 2006).

Na segunda fase da teoria, a autora defende que a aquisição de linguagem ocorre por um processo de subjetivação da mesma, ou seja, é a linguagem que captura a criança e a transforma em sujeito (SALEH, 2008).

Para De Lemos, a aquisição ocorre ao contrário do que defendem a maioria das outras perspectivas teóricas, pois acredita que a criança se apropria da língua, visto que se dá um processo de *captura*, o qual significa que o sujeito é submetido à ordem da linguagem. Sendo assim, a autora busca estudar os efeitos da fala do outro sobre a criança (BEZERRA, 2010).

Ao refletir sobre a aquisição de linguagem em indivíduos que não contam com o apoio visual, acredita-se que os estudos de Cláudia de Lemos conseguem explicar questionamentos que instigam a curiosidade, como por exemplo, a criança consegue suprir a falta de visão no processo de aquisição através da interação com o outro. Devido a isso, buscou-se, nos estudos desta autora, embasamento para entender como ocorre a aquisição nestas crianças. O trabalho focará na primeira fase dos estudos de Cláudia de Lemos, visto que é nessa fase que a autora dá maior ênfase aos processos dialógicos, explicando com maior detalhamento a dependência da criança em relação à fala do adulto, o que é a base deste trabalho.

3 DEFICIÊNCIA VISUAL

Começa-se este capítulo com a seguinte pergunta “O que é deficiência visual?”. É de fundamental importância, ao se realizar um trabalho relacionando aquisição de linguagem e deficiência visual, definir os termos em questão. Como no capítulo anterior apresenta-se uma reflexão sobre as diferentes abordagens acerca da aquisição de linguagem, apresentando a temática da deficiência visual. Será que existe somente uma definição para o termo, ou será que diferentes áreas podem entender “deficiência visual” com significados distintos? Será este termo objetivo ou subjetivo para explicar? O que seria deficiência visual: baixa acuidade visual? Total ausência de visão?

Para tentar achar as respostas a estas perguntas buscaram-se algumas definições em áreas diferentes. Ao longo deste capítulo, este termo será estudado sob diferentes perspectivas.

3.1 OFTALMOLOGIA

No diagnóstico médico oftalmológico considera-se:

- Cegueira: quando a acuidade visual é inferior a 0,05 em ambos os olhos.
- Baixa visão: quando a acuidade visual é de 0,05 a 0,3 em ambos os olhos.

Essa classificação se dá após a máxima correção possível.

3.2 ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS)

Para a OMS (Organização Mundial da Saúde) deficiência visual é o comprometimento da visão (parcial ou total). As doenças como miopia e astigmatismo não são consideradas deficiências visuais, uma vez que podem ser corrigidas com uso de lentes.

A deficiência visual é dividida em graus, que podem ser classificados como:

- Baixa visão: aquela que pode ser compensada, por exemplo, com o uso de lentes;
- Próximo à cegueira: quando a pessoa apenas consegue distinguir luz e sombra;
- Cegueira: quando não existe percepção de luz.

3.3 EDUCAÇÃO

Para fins de decisão acerca de estratégias dialéticas em sala de aula, no campo educacional, a deficiência visual é classificada em dois grupos (BRUNO, 1997):

- Cegueira: total ausência de visão, perda da projeção de luz;
- Baixa visão: desde quando tem condições de indicar projeção de luz até casos em que acuidade visual reduzida interfere no seu desenvolvimento enquanto pessoa.

3.4 CEGUEIRA X DEFICIÊNCIA VISUAL

A partir das definições, das diferentes áreas, sobre o termo *deficiência visual*, entende-se que o mesmo abrange desde *cegueira* total até *baixa visão*. Sendo assim, no presente trabalho será dado enfoque maior aos indivíduos com cegueira, pois o objetivo do mesmo é tentar entender as peculiaridades desses indivíduos no processo de aquisição de linguagem. Ou seja, interessa refletir acerca da importância que o componente visual (ou a falta dele) tem no desenvolvimento da linguagem oral.

Além disso, é importante destacar que o termo *deficiência visual*, para a Medicina, caracteriza apenas casos em que não há possibilidade de correção da visão, como uso de lentes e cirurgias.

Vale ressaltar que a definição do termo é distinta para cada área pesquisada, visto que o foco de trabalho de cada uma é diferente. Para a educação, a qual se preocupa com a aprendizagem do sujeito, é considerado com baixa visão todo o indivíduo que tiver algum prejuízo de aprendizagem devido à baixa e/ou perda de visão. Já para a OMS (Organização Mundial de Saúde) baixa visão pode ser compensada com o uso de lentes, ou seja, essa classificação é menos abrangente. Sendo assim, é importante frisar que a definição do termo depende do foco do trabalho, pois é possível interpretá-lo de forma diferente, conforme o que se está observando no sujeito.

3.4 FALTA DE VISÃO E AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

Com base nas definições de deficiência visual procura-se entender se a falta de visão constitui algum elemento que interfere na aquisição de linguagem. Encontra-se aqui um questionamento sobre o que há de peculiar no processo de aquisição de linguagem em crianças cegas.

Crianças que não contam com apoio visual precisam de mais informações e detalhes, como, por exemplo, peculiaridades físicas do ambiente onde elas estão brincando. Será através de diferentes unidades da língua que estes aspectos ganharão detalhamento linguístico. As informações prosódicas (o ritmo de fala, a entonação, o alongamento, as curvas melódicas, etc.), a precisão articulatória, a escolha lexical, a organização sintática, os efeitos semânticos e pragmáticos, entre outros aspectos que a língua em uso apresenta funcionam como uma espécie de guia que o outro oferece.

Fonte (2006) destaca também que crianças deficientes visuais recebem mais atenção das mães e tendem a ser superprotegidas, sendo assim estas recebem uma gama maior de estímulos do outro.

Essas informações que o outro/adulto dá para a criança servem de apoio em função da falta de visão, ou seja, elas conseguem dar ao sujeito uma pista não visual, para que o indivíduo consiga “entender” o meio em questão.

Com as informações acima, pode-se inferir que há algo peculiar na aquisição de linguagem das crianças cegas, uma vez que estas recebem mais informações e atenção do outro. Sendo assim, a relação criança-outro/adulto é diferente, pois, nesses casos, o adulto necessitaria estar disposto a dar mais detalhes para a criança durante o diálogo.

4 PECULIARIDADES DA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM EM DEFICIENTES VISUAIS

Neste capítulo serão enlaçadas características da deficiência visual com a aquisição de linguagem e, com isso, destaca-se o que há de peculiar nessa situação. No decorrer deste capítulo discute-se como a criança se apropria da linguagem sem o sentido da visão e as particularidades deste processo, tanto na criança como na mãe.

4.1 PROSÓDIA

A prosódia está dividida em três parâmetros: altura, duração e intensidade. Altura é relacionada à entonação, já a duração está relacionada com o tempo de produção do segmento; por fim, a intensidade tem ligação com a maior/menor energia utilizada para emitir um enunciado. (FONTE, 2006)

Através da prosódia passam muitas informações sobre o discurso do indivíduo. Esse recurso auxilia a moldar os contornos suprasegmentais de uma fala diante do contexto, pois permite que se mude a entonação diante de situações diferentes, através da altura, intensidade e duração. Com isso é possível que o interlocutor consiga perceber nuances do sentido através da fala da pessoa.

Segundo Fonte (2006), a criança deficiente visual precisa de mais estímulos que tragam informações sobre o ambiente, mais características, como, por exemplo, quando está caminhando e alguém a orienta, é necessário que se fale o que ela irá encontrar, onde deve pisar. Sendo assim, essa criança receberá mais informações verbais para que desenvolva sua linguagem e conseqüentemente seu conhecimento de mundo. Essas informações vêm para suprir as necessidades em virtude da falta da visão.

A prosódia é um componente da linguagem bastante explorado na comunicação com indivíduos cegos, visto que estes não estão vendo as expressões faciais e os gestos e, logo, precisarão recorrer aos recursos prosódicos para melhor compreender a mensagem da fala da outra pessoa.

No estudo de Fonte (2006), observa-se que a prosódia materna tende a ser mais enfatizada na interação com crianças cegas. Além de a mãe descrever objetos com mais detalhes para a criança cega.

Entende-se, então, que a prosódia é utilizada como estratégia na comunicação. Nestes casos as mães a usam para enfatizar, expressar e transmitir o que de fato estão querendo passar, já que crianças cegas não podem ver as expressões faciais e seus gestos.

4.2 O TATO

O tato permite tocar e sentir objetos, é a primeira forma para nos comunicarmos (RECTOR; TRINTA, 1990 apud FONTE, 2006); é através da pele, do contato com a mãe que se desenvolvem as primeiras percepções do bebê (MONTAGU, 1980 apud FONTE, 2006).

Como o tato dá informações sobre os objetos, cabe aqui destacar a importância desse sentido para crianças deficientes visuais; é através do tato que essas crianças descobrem maiores detalhes do mundo ao seu redor, e com isso elas exploram mais detalhadamente as suas curiosidades.

Segundo Fraiberg (1979 apud FONTE, 2006) é através da expressão motora das mãos que a criança cega revela seus desejos, portanto é importante estar atento para as mãos da criança.

O toque permite que se perceba a forma, temperatura e textura. Então, é de grande importância para a criança cega, pois assim ela pode imaginar um objeto com as características que ela está sentindo.

Além disso, o tato terá importância fundamental no processo de alfabetização de crianças cegas, visto que é com ele que terá acesso ao sistema Braille, através do qual será alfabetizado.

4.3 INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ

O vínculo mãe-bebê proporciona à criança condições para que ela consiga ser independente no meio (FAQUINELLO; COLLET, 2003). É com a mãe que o bebê troca os primeiros contatos e se prepara para interagir no social, ou seja, esse vínculo é muito importante para o desenvolvimento da criança.

O olhar é um fator bem importante no desenvolvimento deste vínculo, pois através dele a díade troca informações, como, por exemplo: olhar de desaprovação, olhar de tristeza ou mesmo olhar de afeto.

Sendo assim, questiona-se aqui como o bebê cego consegue desenvolver este vínculo sem o recurso do olhar. Fraiberg (1979 apud FONTE, 2006) afirma que a criança cega usa as mãos para revelar os desejos. A autora sugere atenção maior para as mãos, pois estas transmitem os sinais que as crianças videntes passam pelo olhar.

Silva, Oliveira e Cavalcanti (2011) relatam que mãe de bebê cego tem menos contato face a face e menos sorrisos, bem como não consegue manter o olhar por muito tempo na criança.

Bebês cegos podem apresentar pouca expressão facial, além da ausência de contato visual, fato que geralmente a mãe interpreta como falta de interesse, assim como esses bebês não costumam responder imediatamente, tal como os bebês videntes (FRAIBERG, 1979 apud FONTE, 2006).

Observa-se, então, que as crianças cegas apresentam algumas dificuldades na interação com a mãe, principalmente por não contar com o recurso do olhar. Além do mais, é evidente que o fato de o bebê não enxergar requer algumas redefinições dos papéis da família, principalmente o da mãe.

O desenvolvimento do vínculo mãe-bebê cego depende de alguns fatores como o quanto a deficiência visual incapacita a criança de ter contato gestual com a mãe, bem como as atitudes e expectativas da mãe em relação à interação com o bebê. (ORTEGA, 2003 apud FONTE, 2006)

A interação da díade depende tanto da criança quanto da mãe, sendo assim as atitudes do bebê cego podem ser diferentes das dos bebês videntes, bem como a mãe pode estar agindo de forma diferente frente à deficiência visual do filho.

Monteiro e Montilha (2010) referem que mães de crianças cegas tendem a falar menos com seus bebês, com isso, muitas vezes, os bebês comportam-se

passivamente e as evocações tendem a aparecer mais tardiamente, quando comparados a crianças videntes.

4.4 O OUTRO NA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM EM CRIANÇAS CEGAS

Para De Lemos (1989 apud FONTE, 2006) a fala da criança se apresenta de forma dependente ao enunciado do adulto. Com base neste fato surgem questionamentos: qual é o papel do outro na aquisição de linguagem de uma criança cega? O que há de peculiar nesse papel?

Inicia-se essa reflexão pensando que a criança não conta com o recurso do olhar, que é de grande importância na interação. Sendo assim, o outro deve lançar mão de recursos como os traços prosódicos para transmitir algumas informações que geralmente são passadas pelo olhar e pelas expressões faciais. Por exemplo, a criança cega vai perceber que o adulto está feliz através de recursos tais como: marcação prosódica da fala, escolha lexical, precisão articulatória, organização sintática, entre outros; enquanto que a criança vidente conta também com o recurso visual para identificar isso.

É importante ressaltar que, conforme destacado no tópico sobre interação mãe-bebê, a interação depende tanto da criança quanto do outro, ou seja, a expectativa do adulto nessa relação influencia na interação com o bebê.

O bebê cego precisa de estímulos linguísticos tanto quanto o bebê vidente. Cabe ao outro não deixar de estimular devido à criança não responder com o olhar ou expressões faciais. É importante compreender que essa reação da criança faz parte da deficiência visual e não se considere falta de interesse dela.

Fonte (2006) aponta que, na interação com a mãe, a criança cega realiza o processo de especularidade da fala materna, marcando prosodicamente o enunciado assim como a mãe havia feito. Sendo assim, observa-se que a criança reproduz o enunciado explorando o recurso de linguagem a que tem acesso, no caso, a prosódia. O fato de ter expressão facial reduzida não o coloca em situação de desinteresse.

Ressalta-se que, na interação com a criança cega, o outro pode lançar mão de recursos de linguagem tal como a prosódia para marcar enunciados enfáticos, ou seja, transmitir sensações que a criança não vai poder perceber através da

expressão facial. O mesmo pode-se dizer com relação à percepção tátil da criança, pois assim ela consegue tocar e sentir os objetos, ter noção mais detalhada sobre o objeto e então poder construir representações de sons características.

Observa-se a seguir uma situação de interação com criança cega. A situação interativa se dá com brinquedos espalhados pelo chão e a mãe brincando com a criança cega.

Mãe	Criança
(coloca brinquedos na frente da criança)	(com carrinho na boca)
(pega a mão da criança e coloca nos brinquedos). Pega. Qué não?	(puxa a mãe e continua com o carrinho na boca)
Qui é isso? É u carrinhu.	
	(explora o carrinho com a boca e depois joga)

Quadro 1 – Situação de interação entre mãe e criança cega

Fonte: Fonte (2006, p. 60)

Nessa situação percebe-se que a mãe cria a estratégia de colocar a mão da criança sobre os brinquedos, para que assim ela possa senti-los e explorá-los através do tato.

Assim como se observa que a criança revela seu desinteresse nos outros brinquedos ao retirar a mão, sendo assim, a criança também cria estratégias para revelar seus desejos.

4.5 PROCESSOS DIALÓGICOS NA INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ

Os processos dialógicos, especularidade, complementaridade e reciprocidade ocorrem quando a fala da criança está na dependência da fala do adulto. (DE LEMOS, 1989 apud FONTE, 2006). Dessa forma, propõe-se aqui olhar estes processos de acordo com as peculiaridades das crianças cegas.

Uma particularidade das crianças cegas frente a esses processos é que eles trarão a marca de uma pobreza de expressões faciais e gestos. Na especularidade, por exemplo, mesmo que o outro produza um enunciado cheio de expressões e

marcações prosódicas, a criança irá reproduzir o enunciado marcando prosodicamente, porém sem as expressões faciais. Essa peculiaridade se reflete também no processo de complementaridade e reciprocidade, onde o enunciado da criança tende a ter menos expressões faciais.

Além disso, estudos mostram que mães de crianças cegas tendem a falar menos com os bebês e este fato influencia nos processos dialógicos, pois para que o bebê consiga realizar os processos ele precisa da fala do outro.

Fonte (2006) traz alguns recortes da interação mãe-bebê, onde analisa os comportamentos linguísticos da criança cega frente a algumas situações do dia-a-dia. Analisam-se, a seguir, algumas situações apontadas por Fonte (2006) sob a perspectiva dos processos dialógicos na interação da díade.

Sabe-se que alguns aspectos tais como contato visual e expressões faciais são importantes para a aquisição de linguagem, sendo assim, surgem alguns questionamentos sobre como crianças cegas lidam com essa particularidade e se criam alguma estratégia diferenciada para isso.

No quadro abaixo, mostra-se uma situação em que a criança está com dois anos e dois meses e a cena interativa ocorre após o banho, onde a mãe desliza uma escova pelo corpo da criança.

Mãe	Criança
Nenê (fala ritmada)	
	Nenê (fala ritmada)
É é nenê	
	Nenê nenê um

Quadro 2 – Situação 1 - interação entre mãe e criança após o banho

Fonte: Fonte (2006, p. 78)

Pode-se perceber nesta cena que a criança especulariza a fala da mãe, marcando prosodicamente a fala como a mãe o fez. A criança mostra aqui que sua fala ainda está na dependência da fala da mãe, ou seja, a presença do adulto no diálogo é fundamental para que ocorram as falas da criança.

Observa-se aqui que é fundamental a interação com o outro para que se abra a possibilidade de constituir uma matriz de significação. Na falta do recurso visual que acompanha o ato de fala (mímica facial, gestualidade, olhares, etc.), para as

crianças cegas, o aspecto prosódico ganha maior evidência no que diz respeito aos processos dialógicos. Se a mãe não está suficientemente atenta à importância do contorno prosódico de sua fala, a criança pode ficar prejudicada em seu processo de aquisição de linguagem, pois ela está na dependência da fala do adulto (matriz de significação) para produzir seu enunciado.

Verifica-se, então, que é fundamental a interação com o outro para que ocorram esses processos e que se esta relação está prejudicada influencia no processo de aquisição de linguagem, pois a criança está em dependência da fala do adulto para produzir seu enunciado.

No quadro que segue, mostra-se outra situação: a cena interativa ocorre após o banho da criança, onde a mãe lhe faz massagens pelo corpo e seu irmão pega um perfume para que a mãe passe nele.

Mãe	Bebê
é nenê. dá um cheiru nu nenê. Dá	
calma. vem cá.	(Criança vira da cama)
tácherosu?	(Irmão beija a cabeça da criança)
	nenê
Nenê	

Quadro 3 – Situação 2 - interação entre mãe e criança após o banho

Fonte: Fonte (2006, p. 99)

Nesta situação a mãe especulariza a fala da criança, quando se manifesta repetindo o enunciado que o filho produziu. Esse fato possibilita que a criança reconheça sua fala no enunciado do outro.

Além disso, ao analisar a fala da criança, é possível pensar que ocorreu um ato especular não imediato, visto que a criança especulariza o primeiro ato de fala da mãe no diálogo.

Assim como quando a mãe pergunta “tá cherosu?” e a criança diz “nenê”, pode-se interpretar como ato de complementaridade da criança, já que ela responde a pergunta da mãe, ficando subentendido que o nenê está cheiroso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas observações feitas durante o trabalho, nota-se que a deficiência visual carrega consigo algo peculiar diante da aquisição da linguagem, visto que o componente visual é um fator importante neste processo de aquisição de linguagem.

A deficiência visual não se torna algo que virá a impedir a aquisição de linguagem, embora seja necessário desenvolver algumas estratégias diferenciadas de interação, visto que, para a criança cega, não haverá troca de olhares, nem reconhecimento de expressões faciais e de gestualidade de seu interlocutor.

Alguns autores apontam que a falta de contato visual e expressões faciais podem prejudicar a comunicação (CUNHA, 1996 apud FONTE, 2006). Outros como Botega e Gagliardo (1998 apud FONTE, 2006) afirmam que a deficiência visual não impede o desenvolvimento da linguagem, porém afeta a troca de olhares que é um meio de comunicação não verbal.

Nos estudos encontrados percebe-se que crianças deficientes visuais e o adulto, com quem interagem, criam estratégias diferenciadas na linguagem. Traços prosódicos e o tato se tornam mais presentes no diálogo de crianças cegas, já que os mesmos trazem informações não verbais para a interação.

Contudo, mais do que fazer um trabalho sobre aquisição de linguagem em crianças deficientes visuais, o percurso realizado neste estudo levou a uma reflexão mais ampla, voltada ao questionamento mais abrangente do papel que a informação visual tem no processo que não só a criança cega, mas qualquer criança faz ao se apropriar da língua.

Ao longo do trabalho surgiram reflexões a cerca da importância deste tema dentro da Fonoaudiologia, visto que nem sempre há discussões sobre o valor da informação visual no processo de aquisição de linguagem. Como se viu durante o estudo, a informação visual é um fator importante na aquisição de linguagem e, sendo assim, requer um olhar diferenciado do fonoaudiólogo.

6 Referências Bibliográficas

AZENHA, C.A.C. **O lugar do outro nas teorias sobre a aquisição de linguagem.** Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG, 30 (2): 249-266, jul./dez. 2005

BEZERRA, L.C.S. **A criança surdocega e a linguagem no contexto escolar e familiar.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco

BRUNO, M. M. G. **Deficiência Visual. Reflexão sobre a Prática Pedagógica.** São Paulo: Laramara, 1997, página 07

FAQUINELLO P, COLLET N. **Vínculo afetivo mãe/criança na unidade de alojamento conjunto pediátrico.** Rev Gaúcha Enferm, Porto Alegre (RS) 2003 dez;24(3):294-304.

FONTE, R.F.L. **Estratégias maternas na interação com gêmeos, cego e vidente, na aquisição da linguagem.** João Pessoa, 2006

LEMOS, C. **A sintaxe no espelho.** Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, Unicamp, n. 10, p. 5-15, 1986.

LIER-DE VITTO, M.F; ARANTES, L. (Org.). **Aquisição, patologias e clínica de linguagem.** São Paulo, EDUC, FAPESP, 2006.

MONTEIRO, M.M.B; MONTILHA, R.C.I. **Intervenção fonoaudiológica e deficiência visual: percepções de profissionais de equipe Interdisciplinar.** Medicina (Ribeirão Preto) 2010;43(1):11-19

OLIVEIRA, J.P. MARQUES, S. L. **Análise da comunicação verbal e não-verbal de crianças com deficiência visual durante interação com a mãe.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Set.-Dez. 2005, v.11, n.3, p.409-428

ORGANON, UFRGS/IL. **Aquisição de Linguagem: diferentes perspectivas**. Porto Alegre, Gráfica da UFRGS, vol. 23, n. 46, jan-jun 2009. QUADROS, R. **Teorias de Aquisição da Linguagem**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

SALEH, P.B.O. **Aquisição de linguagem e ensino da língua materna: um lugar para a subjetividade**. Uniletras, Ponta Grossa, v. 30, n. 1, p. 157-172, jan./jun. 2008

SILVA, C.L.C. **A criança na linguagem - enunciação e aquisição**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

SILVA, W.F.M; OLIVEIRA, J.R.M; CAVALCANTI W.M.A. **Interação Mãe e Bebê Cego: Aquisição e Desenvolvimento de Linguagem**. Neurobiologia, 74 (2) abr./jun., 2011

SCARPA, Miriam Ester. **Aquisição da linguagem**. In: BENTES, Anna Chistina & MUSSALIN, Fernanda. Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. V. 2 São Paulo: Cortez, 2001.